

## A IMAGEM DA FAMÍLIA MADRUZZO NAS MEDALHAS E SEUS USOS POLÍTICOS NO SÉCULO XVI

Isabel Hargrave<sup>1</sup>

Palavras-chave: medalhas; Madruzzo; Trento; Retrato.

Em 1545 ocorria a abertura do aguardado Concílio de Trento. Esse evento, que distorceria a intenção de reforma moral e disciplinar da Igreja Católica há muito perseguida por diversos eclesiásticos e políticos, em direção a uma profunda e rigorosa reforma dos assuntos da fé – como uma reação intensa às postulações protestantes que já ganhavam força e apoio no norte europeu – seria chamada de “l’Iliade del nostro secolo” (a Ilíada de nosso século), por Fra’ Paolo Sarpi, em sua *Istoria del concilio tridentino* (PROSPERI, 1994: 36). Com uma pré-história longa e cheia de obstáculos, tendo sido interrompido e retomado muitas vezes, e ainda transportado de cidade mais de uma vez, fosse devido à epidemia de tifo em 1547 (JEDIN, 1960: 111) ou à iminência de invasões por parte dos exércitos alemães em 1552, o Concílio funcionou como um sismógrafo da delicada situação política europeia em meados do século XVI (PROSPERI, 1994: 36).

Protagonista desse Concílio – ao menos na cidade que o sediou – foi a família Madruzzo, que contou entre seus membros com quatro príncipe-bispos de Trento, entre 1539 e 1658, período que seria posteriormente denominado como o século dos Madruzzo (PASSAMANI, 1993: 11): ao precedente tio sucedia invariavelmente um novo *nipote*. Também outros membros dessa família ocuparam postos chave no seio do bispado (RIZZOLI, 1993: 446).

A escolha de Trento como cidade sede do conturbado e aguardado concílio – determinada por Carlos V e com subsequente anuência do papa Paulo III – não se deu por acaso. Trento, àquela época, possuía características estratégicas para os interesses da Casa dos Habsburgo. Localizava-se no extremo norte da Itália, suficientemente perto das terras do Tirol e da Hungria, administradas por Ferdinando I, servindo como ponte entre o norte e o sul da Europa. Era politicamente dependente do Sacro Império, respondendo, portanto, ao comando de Carlos V; mas como principado-bispal tinha um príncipe-bispo eleito como governante. (BELLABARBA, 1993)

---

<sup>1</sup> Mestranda em História da Arte, IFCH, Unicamp. Agência financiadora: FAPESP

Os personagens da família à época mais influente na cidade de Trento se fizeram celebrar e imortalizar em retratos, dedicatórias de obras impressas e, particularmente, em medalhas comemorativas, como uma forma de retrato em relevo. Apesar de uma maneira aparentemente menos glamurosa de representar sua própria imagem, as medalhas garantiam uma distribuição capilar, assegurando a conservação na memória e no espaço reservado ao pensamento ou ao gozo artístico, graças à multiplicabilidade e à força de difusão do objeto pequeno, durável e que podia ser diversas vezes fundido a partir de uma só matriz (PASSAMANI, 1993: 18). Cada uma dessas representações carrega em si não apenas os traços fisionômicos das personagens, que nos permitem saber hoje como eram, como se vestiam ou como posavam as figuras de outrora, mas apresentam também elementos simbólicos e significativos de uma política que se fazia não somente por ações, mas também por meio da difusão e exibição de imagens, e pela exaltação de suas famas pessoais.

Cristoforo Madruzzo foi o mais representado dentre os Madruzzo. Não apenas em medalhas – das quais existem cerca de dez remanescentes –, mas ele foi também protagonista do peculiar e controverso retrato pintado por Tiziano, pertencente ao acervo do MASP [Imagem 6] – tema central da minha dissertação de mestrado, e ao qual retornaremos em breve.

Sua primeira representação em medalha foi feita por Ludwig Neufahrer e data de 1540 [Imagem 1]. Neufahrer era originalmente ourives de provável proveniência tiroleza ou da Baixa Áustria, que trabalhou em Nuremberg e em Augsburg – ambos territórios imperiais muito ativos e centros que travaram grande intercâmbio artístico com Trento, especialmente no campo da ourivesaria.

No lado direito da medalha vemos Cristoforo Madruzzo retratado de perfil – herança tanto da medalhística antiga quanto da retomada renascentista idealizada por Pisanello no início do século XV. Cristoforo está de cabeça descoberta, com os cabelos até a altura das orelhas, barba espessa e vestindo uma gola aberta de pele, perceptível pela textura granulada criada por Neufahrer. Ao longo da circunferência lemos as inscrições CHRISTO.(phorus) EPISCO.(pus) TRIDEN.(tinus) AETAT.(is) SVAE XXVLL.ANN.(o) MDXL. (Cristoforo Bispo Tridentino. Idade sua vinte e sete, ano 1540). Sob o busto – em quase todas as medalhas que mostrarei – consta a assinatura do artista, normalmente denominada por duas ou três letras.

No reverso vemos dois brasões unidos: o do principado bispal de Trento (a águia de São Venceslau) à esquerda, e o da família Madruzzo, à direita, sobre os quais as ínfulas da mitra bispal

(as tiras que partem do chapéu) cumprem o papel de uní-los. Entre os brasões um sol radiante brilha, e sob ele há uma Fênix em chamas sobre a lenha: esse conjunto do sol e da Fênix formava o emblema pessoal de Cristoforo. As inscrições do reverso dizem, no alto: ELECTVS.M.D.XXXIX (Eleito 1539); e embaixo, na horizontal: PERIT.VT.VIVAT; V.(t) E.(ternum) V.(ivat) (dois *mottos* latinos que significam respectivamente “perecer para que viva – no sentido de que se deve morrer para reviver” e “viva eternamente”). A lenda egípcia segundo a qual a Fênix se imola sobre uma pira de lenha perfumada vem transformada na época cristã em alegoria da ressurreição.

Enquanto o lado direito situa o personagem (bispo, vinte e sete anos no ano de 1540), o reverso nos informa a respeito da razão da medalha: ela comemora a eleição de Cristoforo Madruzzo como príncipe-bispo de Trento em 5 de agosto de 1539. Cristoforo é representado aos vinte e sete anos de idade – nascera em 1512 – celebrando um ponto importante de sua carreira, ascensão de rapidez até então desconhecida entre prelados trentinos, e em parte facilitada por seu pai Giovanni Gaudenzio, e por seu irmão, Nicòlo Madruzzo: desde 1534 Cristoforo acumulava prebendas e cargos eclesiásticos em Augsburg, Trento, Salzurg e Bressanone. Esse acúmulo de cargos em cidades italianas e germânicas é uma das manifestações de como o universo de Trento de fato circulava entre esses dois ambientes.

Nessa medalha fica registrado visualmente o que seria percebido nas décadas seguintes em Trento: a imagem do principado vai progressivamente se identificando com a imagem dos Madruzzo. Aqui, a associação da família com o principado deve ser literalmente amarrada pelas ínfulas.

A segunda medalha, também de Ludwig Neufahrer, data de 1547 [Imagem 2], e tem o lado direito nitidamente baseado na primeira, mas não se trata da mesma cunhagem, o que fica evidente pela mudança no volume do relevo do busto, e pelo fato de a gola de Cristoforo desta vez ser lisa, e não mais texturizada. Essa segunda medalha traz em suas inscrições o seguinte texto: na frente, CHRISTO. (phorus) EX. BARONIB (u) S. MADRVCI.ETA. (tis) SVE. XXXV (Cristoforo Barão de Madruzzo. Idade sua, trinta e cinco); e atrás: CARDINA.(lis) ET.EPIS(copus) TRIDEN.(tinus) ADMINISTRA.(tor). BRIXINE(n)SIS. (Cardeal e bispo tridentino; administrador de Bressanone). O notável, aqui, é que Cristoforo deseja mostrar-se primeiro com seu título laico – barão – para apenas no reverso atribuir-se os cargos eclesiásticos – cardeal e bispo tridentino – ainda assim retomando outro cargo laico, o de administrador de Bressanone, que ele adquirira em 1542. O

brasão representado no reverso é diverso dos primeiros: na parte maior, os símbolos do principado-bispal de Trento (águia) e de Bressanone (cordeiro), e no meio o escudo madruzziano – tudo isso representado agora sob o chapéu cardinalício – cargo para o qual Cristoforo havia sido nomeado em 1542. Sob o escudo encontra-se novamente a Fênix queimando sob o sol.

Apesar de seus novos e proeminentes cargos datarem de 1542, é apenas em 1547 que surge a inspiração para essa medalha, que pode não ter sido celebrativa e, ao contrário, ter servido como uma espécie de cartão de visitas nas viagens que o cardeal realizou naquele ano, primeiro a Ulm, para saber através do Imperador a notícia de que o Concílio seria transferido a Bologna, e em seguida como embaixador de Carlos V, a Roma, para negociar com o papa Paulo III o retorno do Concílio à cidade de Trento (RIZZOLLI, 1993: 440) – o que só ocorreria em 1551.

Neufahrer segue a tradição da medalhística alemã, que costumava representar brasões nos reversos das medalhas, espaço que na Itália será ocupado pela representação marcadamente monumental, mesmo nas medalhas de menor formato, em que aparecem imagens simbólicas, referentes aos emblemas pessoais do retratado ou a motivos alegóricos sugeridos pelo modelo (RIZZOLLI, 1993: 439).

As medalhas de Annibale Fontana feitas para Cristoforo Madruzzo [Imagens 3, 4 e 5] apresentam um traçado de linha um pouco mais suave, especialmente na terceira delas, e que é também particularmente notável nas imagens dos reversos. Esse medalhista italiano usa muito provavelmente o molde em cera, diverso do molde em madeira mais tipicamente germânico, o que permite maior maleabilidade dos contornos dos desenhos.

Os lados direitos dessas três medalhas apresentam retratos em perfil praticamente idênticos, e provavelmente pertencem à mesma matriz. Dessa vez o cardeal aparece com a cabeça coberta pelo barrete cardinalício e vestido com a *mozzatte* (uma espécie de capa) – vestimenta muito parecida com a que ele se fará retratar por Tiziano anos mais tarde [Imagem 6]. As legendas dessas três medalhas também são idênticas. As letras repousam sobre uma tênue linha e dizem CHRIST. MADRV. CARDIN. EPIS. ET. PRIN. TRIDEN. ET. BRIX (Cristoforo Madruzzo, cardeal, bispo tridentino e de Bressanone), indicando, portanto, seus cargos eclesiásticos e administrativos. Me parece particularmente interessante a possibilidade de vermos uma espécie de evolução no desgaste das medalhas: os lados direitos se mostram ligeiramente diversos devido justamente à quantida-

de de vezes que foram tocados, sendo a primeira bastante desgastada, a segunda um pouco menos, e a terceira ainda carrega os detalhes no tratamento do tecido, na gola e na manga, e dos cabelos, e o brilho do metal polido, especialmente no pequeno volume de uma das pontas do barrete. Outro detalhe que torna essas medalhas mais delicadas do que as de Ludwig Neufahrer é o contorno feito de minúsculas bolinhas, que formam uma espécie de cordão de pérolas.

Os reversos, por outro lado, são bastante diversos. Na primeira medalha [Imagem 3], a única datada, vemos novamente a Fênix em chamas sob o sol radiante. Aqui, devido também ao tamanho reservado à representação (essa medalha é maior do que as anteriores), os detalhes do feixe de lenha e das chamas ficam mais evidentes. Mais uma vez o *motto* do cardeal PERIT UT VIVAT “perecer para que viva – no sentido de que se deve morrer para reviver” traz a ideia daquilo que se apaga para ressurgir. A data bastante evidente é 1546, e poderia estar relacionada a uma missão de Cristoforo na intenção de favorecer uma aliança entre o papa Paulo III e o imperador Carlos V, o que acabou levando à eclosão da guerra contra a protestante Liga de Smalkalda (ocasião que foi magnificamente retratada por Tiziano no *Retrato Equestre de Carlos V na Batalha de Mühlberg*, de 1548).

As outras duas medalhas trazem, no reverso, simbologias difíceis e que precisariam ainda de muita exploração, justamente por se afastarem das figurações mais frequentemente utilizadas por Madruzzo, e nenhuma delas traz qualquer indício de datas ou idade do retratado, mas guardam uma afinidade estilística ao destacar nas figuras o uso da musculatura evidente e de torções que remetem à pintura e à escultura michelangeanas. A medalha seguinte [Imagem 4] mostra um Hércules nu, armado com uma clava na mão direita, com a qual planeja golpear a Hidra de Lerna, que segura com a mão esquerda. Aos seus pés jaz um leão morto sobre motivos rochosos. A legenda DABIT DEVS HIS QVOQUE FINEM (Deus vai conceder uma final) ajuda a aproximarmos da interpretação oferecida por Antonio Gazzoletti, em suas memórias sobre Trento, de que esta medalha faria profunda referência à vitória de Carlos V contra a Liga de Smalkalda em Mühlberg, em 24 de abril de 1547 – evento festejado pelo cardeal em 3 de maio do mesmo ano no Palazzo delle Albere (RIZZOLLI, 1993: 441). Essa conquista aparece no âmbito religioso como uma verdadeira (e por pouco tempo definitiva) vitória do catolicismo – a verdadeira religião de Deus – sobre o protestantismo. Nesse caso, Hércules simbolizaria o vitorioso imperador, enquanto o protestantismo estaria encarnado na Hidra – monstro de muitas cabeças. Sendo essa uma interpretação bastante

plausível, nos resta indagar o porque de esta medalha permanecer sem datação que a especifique.

A terceira medalha feita por Annibale Fontana [Imagem 5] que eu trago aqui tem um reverso de caráter aparentemente ainda mais complexo, de provável origem milanesa, o que nos permite situá-la como referência a um significativo momento da carreira política do cardeal, ainda que de curta duração. Em 1555, após o retiro voluntário de Carlos V para o monastério de Yuste, Cristoforo Madruzzo foi nomeado governador de Milão por Felipe II – cargo que manteve até 1558. Na legenda do reverso dessa medalha é possível ler STATVS. MEDIOL. RESTITVTORI. OPTIMO, algo próximo de “Estado do melhor restituidor milanês” (MEDIOL corresponde ao modo latino de Milanês: Medio Lateranensis). Nesse caso, segundo a leitura de Rizzoli, a figura de pé, trajando antigas vestes pontificiais, levantaria com a mão direita o Estado milanês, como um homem deitado sobre uma pilha de armas. Com a mão esquerda a figura de pé esvazia a pátera (essa espécie de taça usada em sacrifícios antigos) sobre uma chama acesa para o aguardado sacrifício. Ao mesmo tempo, um velho deitado do lado direito personifica o Rio Pó (identificado pela legenda SECVRI-TAS. PADI, nas parte de baixo da medalha, que significa “Segurança no Pó”). Na mão direita o rio segura um ramo vegetal, augúrio de fecundidade, e com a esquerda derrama água de uma urna. Tudo isso fazendo referência à recuperação do rio Pó, concluída durante o governo de Cristoforo.

Em meio à fundição dessas três medalhas de Annibale Fontana, o cardeal logrou encomendar ao maior retratista da época um retrato seu, pertencente ao acervo do MASP [Imagem 6 e detalhe]. Tiziano retratou Cristoforo Madruzzo em tela assinada e datada duas vezes com o ano de 1552 (no alto à direita e em escorço na lateral do relógio), que eu considero ter sido encomendado em 1551 por ocasião do retorno do Concílio a Trento, após a interrupção de 1547, e não como referência à nova interrupção do concílio logo no ano seguinte, como supôs Ettore Camesasca (CAMESASCA, 1987: 91). Motivada por uma referência confusa no texto de Giorgio Vasari sobre a vida de Tiziano Vecellio (que cita o retrato de Madruzzo logo após se referir ao retrato de Don Diego Hurtado de Mendoza, de 1541) (VASARI, 1993: 1291), a datação dessa obra já foi muito discutida e alterada, mas a pouca documentação restante, os registros na própria tela e a leitura formal e estilística da obra nos permitem seguramente aceitar a data de 1552.

É interessante notar que, apesar de já ser cardeal há dez anos, Madruzzo não veste a púrpura cardinalícia, como tantos outros cardeais retratados ao longo do século XVI. Diferentemente, ele

se veste de negro, como costume frequente e de tradição espanhola dos representantes do séquito de Carlos V. Madruzzo retoma as primeiras medalhas, em que ainda se fazia identificar primeiro como barão, e apenas depois como cardeal, e se faz primeiro político, embaixador de Carlos V – como de fato o foi em suas inúmeras viagens – para somente no detalhe da lateral do relógio registrar seu brasão de príncipe-bispo e cardeal de Trento.

O relógio [detalhe], por sua vez, exibe não apenas a Fênix em chamas, quase desaparecida sob o brasão do cardeal, mas também um enorme sol no centro do quadrante, e uma vela acesa sobre a campânula – símbolo do sopro de vida que pode ser apagado a qualquer momento. Essa simbologia carregada de significados – porém discreta dentro do conjunto do retrato – se junta à própria presença do relógio, símbolo da passagem do tempo, da brevidade da vida, e de *vanitas* – se acrescentarmos a vaidade presente na própria riqueza deste objeto raro e precioso. Por outro lado, é preciso reconhecer: Madruzzo se mostra como um homem de ação. Príncipe-bispo de Trento, alto dignatário de Carlos V, ele é captado por Tiziano no ato mesmo de receber suas notificações e encargos. Com um pé à frente do outro, como que movimentando-se, o cardeal abre a grande cortina vermelha e nos revela, orgulhoso, papéis sobre a mesa – hoje ilegíveis – e o relógio. Esse objeto assume neste retrato um duplo significado. Para além do grau moral, o marcador de tempo é também aquele que determina o momento do trabalho, e anuncia a hora de agir, na vida, mas principalmente na política.

Depois do grande retrato de Tiziano (literalmente grande, pois ele é um dos retratos de maiores dimensões do pintor veneziano), Cristoforo Madruzzo encomendará ainda algumas outras medalhas sobre as quais falo rapidamente. Temos quatro medalhas feitas por Pietro Paolo Galeotti, “o Romano”, [Imagens 8, 9, 10 e 11] que voltam a representar o cardeal com a cabeça descoberta, em que ele é visto mais como um funcionário laico milanês do que como dignatário eclesiástico – apesar da identificação nas legendas como cardeal e príncipe de Trento, e bispo de Bressanone – exceto pela última medalha, em que ele está completamente vestido como cardeal.

Os reversos dessas medalhas introduzem a representação de paisagens para as quais Galeotti alcança efeitos de traços minuciosos, dignos da delicada técnica de ourivesaria que ele dominava. Três desses reversos representam a figura de uma mulher de pé que aponta com uma mão para o sol radiante (como o figurado no centro do quadrante do relógio, no quadro de Tiziano), e com a outra

para o reflexo desse mesmo sol na água. Essa complicada representação poderia relacionar-se às idéias da Verdade (espelhada em água límpida), ou da Religião e da Fé.

A outra medalha de Galeotti [Imagem 11] representaria, em cada um dos seis navios, um dos bispos sob o comando de Cristoforo Madruzzo, e fechando a baía, Netuno segurando uma corrente na qual se lê “TRANQVILL(itas)”.

O que fica evidente e que se constitui quase como uma regra das representações de Cristoforo Madruzzo, presente inclusive no retrato pintado em tela por Tiziano, é o uso do emblema e da simbologia para representar momentos políticos de sua vida. As dez medalhas encomendadas por Cristoforo recordam momentos decisivos do próprio *cursus honorum* nos âmbitos imperial e curial, iniciado no contexto cultural e estilístico alemão, representado por Neufahrer, renomado entre os nobres clientes tirolezes, mas de súbito orientando-se para os medalhistas italianos como Fontana e Galeotti.

#### BIBLIOGRAFIA

- BELLABARBA, Marco. “Il Principato vescovile di Trento e i Madruzzo: l’Impero, la Chiesa, gli Stati italiani e tedeschi”, In: DAL PRÀ, Laura (curadoria). *I Madruzzo e l’Europa: I principi vescovi di Trento tra Papato e Impero, 1539-1658*. Trento: Castelo del Buon Consiglio, 1993. Pp. 29-42.
- CAMESASCA, Ettore. *Da Raffaello a Goya... da Van Gogh a Picasso. 50 dipinti dal Museu de Arte di San Paolo del Brasile*. Catálogo da Exposição. Milão: Palazzo Reale, 1987.
- JEDIN, Hurbert. *Breve Historia de los Concilios*. Trad. Alejandro Ros. Barcelona: Editorial Herder, 1960.
- PASSAMANI, Bruno. “Ragioni e struttura della mostra. Un principato per l’impero” In: DAL PRÀ, Laura (curadoria). *I Madruzzo e l’Europa: I principi vescovi di Trento tra Papato e Impero, 1539-1658*. Trento: Castelo del Buon Consiglio, 1993. , pp. 11-25
- PROSPERI, Adriano, “Riforma Cattolica, controriforma, disciplinamento sociale” In: ROSA, Gabriele de, GREGORY, Tullio. *Storia dell’Italia religiosa – vol. 2: L’Età Moderna*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1994. Pp. 3-48.
- RIZZOLI, Helmut. “I Madruzzo e le medaglie”, In: DAL PRÀ, Laura (curadoria). *I Madruzzo e l’Europa: I principi vescovi di Trento tra Papato e Impero, 1539-1658*. Trento: Castelo del Buon Consiglio, 1993. Pp. 437-454
- VALCANOVER, Francesco. “Ritratto del Principe Vescovo Cristoforo Madruzzo”, In: DAL PRÀ, Laura (curadoria). *I Madruzzo e l’Europa: I principi vescovi di Trento tra Papato e Impero, 1539-1658*. Trento: Castelo del Buon Consiglio, 1993. , pp. 160-163.

VASARI, Giorgio. *Le Vite dei più eccellenti pittori, scultori e architetti*. Roma: Grandi Tascabili Economici, 1993. A partir da edição de 1568.

IMAGENS



Imagem 1: (1540), Ludwig Neufahrer, *Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo*. Medalha fundida e gravada em prata. 45,5 mm; 26,30 g. Bolzano, Coleção privada.



Imagem 2: (1548), Ludwig Neufahrer, *Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo*. Medalha fundida e gravada em bronze ou bronze dourado. 43 mm; 32,60 g. Dourada. Trento, Castello del Buonconsiglio. Monumenti e collezioni provinciali, coleção Negriolli.



Imagem 3: (1546) Annibale Fontana, Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo. Medalha fundida em bronze em Milão. 58 mm, Milão, Civiche Raccolte.



Imagem 4: Annibale Fontana, Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo. Medalha fundida em bronze, 59 mm. Milão, Civiche Raccolte.



Imagem 5: Annibale Fontana, Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo. Medalha fundida em bronze dourado em Milão, 60 mm. Trento, Castello del Buonconsiglio – Monumenti e collezioni provinciali.



Imagem 6: (1552) Tiziano Vecellio, Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo. Óleo sobre tela, 210 x 109 cm. Museu de Arte de São Paulo (MASP).

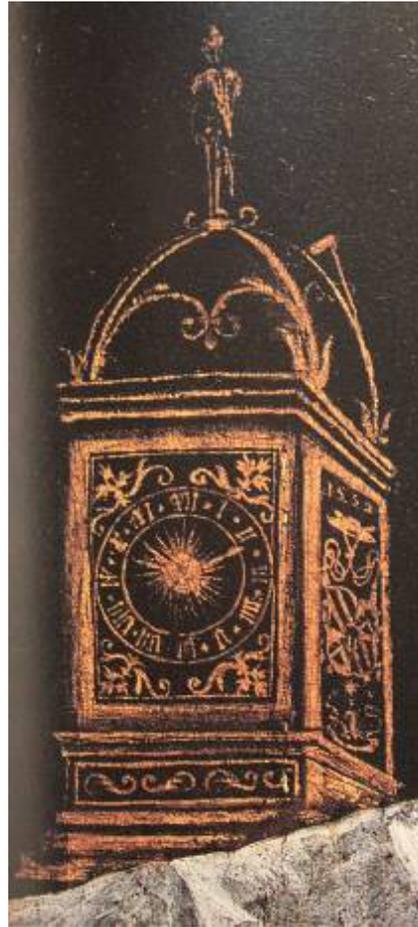


Imagem 7: (1552) Tiziano Vecellio, Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo. Óleo sobre tela, 210 x 109 cm. Museu de Arte de São Paulo (MASP). (DETALHE)



Imagem 8: Pietro Paolo Galeotti, Retrato de Cristoforo Madruzzo. Bronze, 36,2 mm. Trento, Castello del Buonconsiglio.



Imagem 9: Pietro Paolo Galeotti, *Retrato de Cristoforo Madruzzo*. Bronze, 45,5 mm. Brescia, Civici Musei d'Arte e Storia, Collezione Giovanni Maria Mazzuchelli.



Imagem 10: Pietro Paolo Galeotti, *Retrato de Cristoforo Madruzzo*. Bronze, 71 mm. Trento, Castello del Buonconsiglio.



Imagem 11: Pietro Paolo Galeotti, *Retrato de Cristoforo Madruzzo*. Prata, 45 mm. Vienna, Kunsthistorisches Museum, Münzkabinett.